



XVII ENANPUR

SÃO PAULO • 2017



Uma Breve História do Rio de Janeiro através da Literatura: Representações e Novos Espaços

A Brief History of Rio de Janeiro through Literature: Representations and New Spaces

Claudia Seldin¹, PROURB/FAU-UFRJ e FAPERJ/CAPES, claudia-prourb@ufrj.br

Gabriella Ledo², IE/UFRJ, glnaa@yahoo.com.br

¹ Claudia Seldin é arquiteta e urbanista, mestre e doutora em Urbanismo pelo PROURB/FAU-UFRJ com período sanduíche na Bauhaus-Universität Weimar, na Alemanha. Atualmente é bolsista PAPD da FAPERJ/CAPES em estágio pós-doutoral no PROURB/FAU-UFRJ. É vencedora do Prêmio Capes de Teses 2016 na categoria “Arquitetura e Urbanismo” e autora do livro “Imagens Urbanas e Resistências: Das Capitais de Cultura às Cidades Criativas” (2016).

² Gabriella Ledo é cientista social pelo IFCS/UFRJ e possui Pós-Graduação Lato Sensu através do curso de Especialização em Políticas Públicas pelo Instituto de Economia da UFRJ em parceria com a Fundação Universitária José Bonifácio. Foi bolsista de Iniciação Científica e de Apoio Técnico no Grupo de Pesquisa Cultura, História e Urbanismo (GPCHU) no PROURB/FAU-UFRJ.

RESUMO

Em nossa pesquisa propomos uma breve investigação da história urbana carioca através da literatura, considerando duas vertentes principais de análise: as obras literárias propriamente ditas – como representações simbólicas e históricas das diversas transformações ocorridas no Rio de Janeiro ao longo dos tempos; e os espaços contemporâneos voltados para a literatura – como locais materiais da sua produção, troca e consumo. Iniciamos falando sobre a relação entre história, cidade e literatura, ressaltando a importância desta modalidade artística como instrumento para decifrar e interpretar o espaço urbano. Em seguida, mencionamos uma série de obras de ficção e não-ficção que nos ajudam a pontuar diferentes marcos históricos cariocas, provando que esta cidade sempre foi caracterizada por grandes contrastes de ordem urbana, econômica, social e cultural. Tocamos no estigma da “cidade partida” e nas tentativas de superação do mesmo, tratando de novos livros produzidos em recortes historicamente marginalizados da cidade, como favelas. Por fim, apresentamos alguns estudos de caso de novos espaços literários que constituem alternativas aos equipamentos culturais tradicionais: bibliotecas comunitárias, livrarias itinerantes e festivais, entre outros. Com foco específico nas periferias cariocas, estes espaços de literatura, por vezes temporários e inusitados, representam a real criatividade da população para lidar com políticas culturais ineficientes.

Palavras Chave: Cidade Partida; Estigma; Literatura Carioca; Periferia; Usos Improvisados.

ABSTRACT

In our research we propose a brief investigation of Carioca urban history through literature, considering two main aspects of analysis: the literary works themselves - as symbolic and historical representations of the various transformations, which have occurred in Rio de Janeiro throughout the ages; and contemporary spaces for literature - as material places of its production, exchange and consumption. We begin speaking of the relationship between history, city and literature, emphasizing the importance of this artistic modality as an instrument to decipher and interpret the urban space. Next, we mention a series of works of fiction and non-fiction, which help us pinpoint different historical landmarks in Rio, proving that this city has always been characterized by great contrasts of urban, economic, social and cultural order. We bring up the stigma of the "broken city" and in the attempts to overcome it, talking about new books produced in historically marginalized regions of the city, like the slums. Finally, we present a few case studies of new literary spaces, which constitute alternatives to the traditional cultural facilities, such as: community libraries, itinerant bookstores and festivals, among others. With a specific focus on the peripheries of Rio de Janeiro, these spaces of literature, sometimes temporary and unusual, represent the real creativity of the population to deal with inefficient cultural policies.

Keywords: Divided City; Stigma; Carioca Literature; Periphery, Improvised Uses.

INTRODUÇÃO: HISTÓRIA, CIDADE E LITERATURA³

A relação entre a história urbana e a literatura foi sempre estreita e profícua, tendo as diversas correntes literárias buscado, ao longo dos séculos e através da interpretação da vida social urbana, compreender o mundo em que seus personagens circulavam. Segundo Antônio Candido (2002), a literatura tem o potencial de desvendar o imaginário coletivo e as formas de agir das pessoas, possuindo uma capacidade "de confirmar a humanidade do homem" (p. 77). Em outras palavras, a literatura nos permite uma forma de expressão, contribuindo também para nossa formação pessoal e social. O sociólogo adverte, porém, que é necessário sempre considerar quem é o produtor da obra literária e quem é o seu público, atentando para os contextos em que as representações surgem.

Esta advertência é colocada também por Howard S. Becker, que ressalta ainda que "toda representação da realidade social – um filme documentário, um estudo demográfico, um romance realista – é necessariamente parcial, é menos do que experimentaríamos e teríamos à nossa disposição para interpretar se estivéssemos no contexto real que ela representa" (2010, p. 31). Ou seja, no que se refere à literatura como instrumento de apreensão da história, há sempre um processo de seleção da realidade e dos olhares que se deseja colocar no papel.

Em se tratando da relação entre cidade e literatura, compreender os contextos (históricos, sociais, econômicos...) em que uma obra é produzida torna-se essencial. Isso porque ler a cidade também implica em interpretar discursos, ou seja, compreender relações de poder que nos levam a questionar as ordens estabelecidas, bem como os interesses daqueles que gerem o espaço urbano. Com isso, mais do que apenas representar modos de vida, a literatura representa olhares, bem como os modifica. Cabe destacar que a noção de cidade como um discurso vem sido proferida por diversos autores de influência no campo do Urbanismo, desde a historiadora francesa Françoise Choay (1980, 2010)⁴ ao crítico literário alemão Andreas Huyssen (1997)⁵, que enxergam o espaço urbano como um sistema de elementos significantes, como conglomerados de sinais e significados. Em outras palavras, a literatura possui o potencial de traduzir e de registrar como as pessoas se relacionam *no* e *com* o espaço.

No que diz respeito à história urbana, podemos afirmar que o espaço abriga representações simbólicas das relações sociais de produção e de reprodução que devem ser apreendidas tanto em suas dimensões materiais, quanto em suas dimensões simbólicas presentes e passadas (LEFEBVRE, 1991). Ressaltamos também que o próprio ato de 'fazer literatura' envolve, com frequência, as ações de presenciar, observar e interpretar o cotidiano, transformando o espaço urbano em um objeto da escrita, seja este espaço real ou fruto da imaginação de um autor. A relação entre cidade e literatura é, portanto, mútua: uma influencia a outra.

³ Uma versão preliminar deste artigo foi apresentada no XII Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura (XII ENECULT) em novembro de 2016 na cidade de Salvador, Bahia.

⁴ Ressaltamos que em sua obra "O Urbanismo" (2010), Françoise Choay retoma o pensamento de Victor Hugo sobre a relação entre o livro e a arquitetura, afirmando que, até o século XV, "a arquitetura é o grande livro da humanidade, a expressão principal do homem em seus diversos estados de desenvolvimento" (p. 324). A invenção da imprensa, para o autor francês, significaria a morte do edifício, sendo a arquitetura destronada como forma principal de interpretação da realidade urbana.

⁵ Enquanto Choay (1980), analisa alguns textos clássicos pareando a arquitetura e a cidade, com atenção especial para as utopias urbanas; Huyssen (1997) trata dos vazios berlinenses, ressaltando como o discurso crítico sobre a cidade foi substituído, nos anos 1980 e 1990, pelo discurso da cidade como imagem.

Um exemplo notável desta relação consiste na obra “As Cidades Invisíveis” de Ítalo Calvino, lançada em 1975. Através das conversas entre Kublai Khan e Marco Polo, em que este descreve as cidades exploradas durante suas expedições, o autor ressalta características geográficas, situação cotidianas, aspectos urbanísticos e sociais, levando o leitor a gerar em suas mentes imagens fantasiosas de realidades desconhecidas. O sociólogo Howard S. Becker (2010) recupera a fala de Calvino durante uma palestra sobre o livro na Universidade de Columbia nos EUA, em que o autor afirma que, apesar de muitos colegas urbanistas enxergarem em sua obra as polêmicas das cidades modernas, todas as cidades mencionadas são inventadas, sendo propostas como “pretextos para uma reflexão que se aplica a toda cidade ou à ideia de cidade em geral” (*apud* BECKER, 2010, p. 261).

Como nos mostra o exemplo de Calvino, o binômio cidade-literatura é bastante presente na ficção, mas a importância desta relação perpassa o âmbito da representação literária de cidades (reais ou imaginárias), quando consideramos a relevância da escrita em si como uma atividade essencial para a transformação das cidades. A teoria do Urbanismo nos mostra que foi o seu surgimento um dos maiores responsáveis pela transição da aldeia para os primeiros núcleos urbanos, constituindo um marco na forma como o homem se organiza no espaço. A formação das cidades implicou em contingentes não só de produtores, mas também de consumidores, impulsionando, assim, o registro e a contabilização da acumulação de produtos, de riquezas e de conhecimentos, o que passou a ser feito pela escrita. Do ponto de vista histórico, portanto, o surgimento da escrita e da cidade são fenômenos quase simultâneos, resultantes da necessidade de gerir a produção excedente e o trabalho coletivo, bem como de fixar uma memória ao lugar (LEITE, 2005; ROLNIK, 2009).

A partir do século XVIII, com a Revolução Industrial, o crescimento das cidades e o advento da modernidade, a literatura se fortaleceu como um veículo para a representação do espaço urbano, tanto como lugar de sociabilidade como cenário e personagem das narrativas. A cidade, por si só, passou a ser apreendida como um verdadeiro texto. Lê-la significava interpretar dados culturais, costumes e memórias coletivas, como afirma o professor de literatura Renato Cordeiro Gomes:

A cidade escrita é, então, resultado da leitura, construção do sujeito que a lê, enquanto espaço físico e mito cultural, pensando-a como condensação simbólica e material e cenário de mudança, em busca de significação. Escrever, portanto, a cidade é também lê-la, mesmo que ela se mostre ilegível à primeira vista (GOMES, 1997, p. 179).

Do mesmo modo que a cidade pode ser compreendida como um texto ou como um discurso proferido com intenções específicas, o próprio ‘fazer literatura’ envolve, com frequência, os atos de presenciar, observar e interpretar o cotidiano, transformando o espaço onde se vive em um objeto da escrita, como veremos através do recorte espacial do Rio de Janeiro.

O RIO DE JANEIRO ATRAVÉS DA LITERATURA

Podemos afirmar que a literatura brasileira se fortaleceu no século XIX, após uma longa procura pela melhor representação de sua paisagem e do homem local. Focamos aqui na literatura que se distancia do campo e se ocupa da cidade, vindo a ser consolidada pela corrente do romantismo – especialmente, o romance urbano, com sua crônica de costumes da vida na capital do Império. Este tipo de obra acabaria servindo como balizador de um novo tipo de sociedade – moderna –, trazendo consigo um caráter pedagógico de formação da nossa nacionalidade e um grande foco no espaço carioca, como afirma Carmen da Matta:

Para dar cabo a esse ideário, a cidade do Rio de Janeiro vai assumir um papel vital na consolidação de uma identidade nacional, porque é nela que os fundadores do romance vão viver e nela é que vão propagar toda uma imaginação favorável ao intuito patriótico (MATTA, 2003, p. 261).

O Rio de Janeiro, deste modo, sempre esteve presente na literatura brasileira como um palco privilegiado, consistindo no “solo geográfico, territorial e social para a construção de uma literatura própria” (*idem*). As obras locais relataram a vida do Império e depois da República de forma a não só narrar o cotidiano urbano carioca, como a ser o bastião de uma desejada “sociabilidade pública” (PECHMAN, 2007). A narrativa utilizada a partir do século XIX tentava explicar o convívio e a sociabilidade da nova urbe carioca – moderna, confusa e em busca de ordem.

Desde então, escrever sobre o Rio de Janeiro tornou-se sinônimo de escrever sobre contradições e contrastes. De “Memórias de um Sargento de Milícias” (1852) de Manuel Antônio de Almeida, até “Cidade Partida” (1994) de Zuenir Ventura, as diferenças entre o Rio dos cartões postais (da elite política, econômica e cultural, habitante da Zona Sul) e o Rio da massa trabalhadora (dos cortiços, das favelas, das fábricas e dos subúrbios ao longo das linhas do trem), vêm sendo o objeto para a narrativa de autores das mais diversas correntes.

Destacamos aqui “Memórias de um Sargento de Milícias” por ter sido o primeiro romance a abordar as contradições sócio-históricas do Rio de Janeiro. Nele, Manuel Antônio de Almeida, de origem pobre, analisou a vida das classes populares à época da estada da Coroa Portuguesa na cidade.

Ainda hoje existe no saguão do paço imperial, que no tempo em que se passou esta nossa história se chamava palácio del-rei, uma saleta ou quarto que os gaiatos e o povo com eles denominavam o Pátio dos Bichos. Este apelido lhe fora dado em consequência do fim para que ele então servia: passavam ali todos os dias do ano três ou quatro oficiais superiores, velhos, incapazes para a guerra e inúteis na paz, que o rei tinha a seu serviço não sabemos se com mais alguma vantagem de soldo, ou se só com mais a honra de serem empregados no real serviço. [...] Às vezes acontecia adormecerem todos ao mesmo tempo, e então com a ressonância de suas respirações passando pelos narizes atabacados, entoavam um quarteto, pedaço impagável, que os oficiais e soldados que estavam de guarda, criados e mais pessoas que passavam, vinham apreciar à porta (ALMEIDA, 1852).⁶

O Rio de Janeiro ainda foi pano de fundo para outros autores célebres, como Machado de Assis, cujos romances eram ilustrados por marcos urbanos - inesquecíveis e indispensáveis à trama. Como exemplos, citamos a Rua Matacavalos (“Dom Casmurro”, 1889), os casarões de Botafogo (“Quincas Borba”, 1892; “Esaú e Jacó”, 1904) e o Morro do Castelo antes de seu desmonte (*idem*). Enquanto Assis focava sua história na elite e nos locais nobres da cidade, seu contemporâneo, Aluísio de Azevedo, por sua vez, escrevia em tom de denúncia, tendo como obras primas “O Mulato” (1881) e “O Cortiço” (1890). Azevedo foi, assim, um dos primeiros a tratar de personagens da classe trabalhadora carioca e das suas relações com os proprietários. “O Cortiço”, em especial, aborda um tema controverso em uma época em que as autoridades governamentais (policiais e higienistas) voltavam-se contra este tipo de moradia coletiva, considerada insalubre e perigosa, apesar de muito rentável:

⁶ Em domínio público: ALMEIDA, Manoel Antonio de. Memórias de um Sargento de Milícias. Fundação Biblioteca Nacional, 1852. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000022.pdf>>. Acesso em: 23 fev. 2016.

E toda a gentalha daquelas redondezas ia cair lá, ou então ali ao lado, na casa de pasto, onde os operários das fábricas e os trabalhadores da pedreira se reuniam depois do serviço, e ficavam bebendo e conversando até as dez horas da noite, entre o espesso fumo dos cachimbos, do peixe frito em azeite e dos lampiões de querosene.

[...] Não obstante, as casinhas do cortiço, à proporção que se atamancavam, enchiam-se logo, sem mesmo dar tempo a que as tintas secassem. Havia grande avidez em alugá-las; aquele era o melhor ponto do bairro para a gente do trabalho. Os empregados da pedreira preferiam todos morar lá, porque ficavam a dois passos da obrigação. [...] O Miranda rebentava de raiva.

- Um cortiço! exclamava ele, possesso. Um cortiço! Maldito seja aquele vendeiro de todos os diabos! Fazer-me um cortiço debaixo das janelas!... Estragou-me a casa, o malvado! (AZEVEDO, 1890).⁷

Ao longo das três últimas décadas do século XIX, o debate sobre a habitação coletiva se acirrou, culminando, em 1893, na demolição do cortiço “Cabeça de Porco” (VAZ, 1986) – considerado o maior da cidade e modelo inspirador do livro homônimo. Em meio à crise habitacional do fim da passagem do século XIX para o XX, a grande reforma urbana liderada pelo então prefeito Francisco Pereira Passos na década de 1910 foi paradigmática, acarretando um novo olhar literário para as relações presentes na cidade.

Buscando trazer a tão sonhada imagem de modernidade à capital da nova República, Passos propôs mudanças não apenas na arquitetura e no traçado viário do centro histórico, mas também nos modos de uso do espaço público e no convívio social. Esse foi o período em que foram escritas, por exemplo, as crônicas de Lima Barreto e de João do Rio.

Nas crônicas do “Cinematógrafo” de 1909, João do Rio narrava amplamente os contrastes entre o velho e o novo Rio, colocando o espaço urbano como cenário e apresentando-se através da figura do *flâneur*. Sua obra focava na diversidade cultural carioca, mencionando diferentes ritos religiosos (especialmente afro-brasileiros), trabalhadores da estiva, meninos de rua, prostitutas, entre outros cujas formas de se apropriar do espaço diferenciavam-se daquela da ‘alta sociedade’, como é o caso de “As Crianças que Matam”:

O bairro onde o assassinato é natural abraça a Rua da Saúde, com todos os becos, vielas e pequenos cais que dela partem, a Rua da Harmonia, a do Propósito, a do Conselheiro Zacarias, que são paralelas à da Gamboa, a do Santo Cristo, a do Livramento e a atual Rua do Acre. Naturalmente as ruas que as limitam ou que nelas terminam - São Jorge, Conceição, Costa, Senador Pompeu, América, Vidal de Negreiros e a Praia do Saco - participam do estado de alma dominante.

Toda essa parte da cidade, uma das mais antigas, ainda cheia de recordações coloniais, tem, a cada passo, um traço de história lúgubre. A Rua da Gamboa é escura, cheia de pó, com um cemitério entre a casaria; a da Harmonia já se chamou do Cemitério, por ter aí existido a necrópole dos escravos vindos da costa da África; a da Saúde, cheia de trapiches, irradiando ruelas e becos, trepando morro acima os seus tentáculos, é o caminho do desespero; a da Prainha, mesmo hoje aberta, com prédios novos, causa, à noite, uma impressão de susto.

Como dizia o meu guia, estávamos num novo mundo...

⁷ Em domínio público: AZEVEDO, Aluisio. O Cortiço. Fundação Biblioteca Nacional, 1890. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000003.pdf>>. Acesso em: 23 fev. 2016.

A Rua da Imperatriz, às oito e meia, com uma porção de casas comerciais velhas e tão juntas, tão trepadas na calçada, que parecem despejadas na rua, estava em plena febre. Os botequins reles, as barbearias sujas, as tascas imundas gargulejavam gente, e essa gente era curiosa - trabalhadores em mangas de camisa, carroceiros, carregadores, fumando mata-ratos infectos, cuspinhando cachaça em altos berros, num calão de imprevisto, e rapazes mulatos, brancos, de grandes calças a balão, chapéu ao alto, a se arrastarem bamboleando o passo, ou em tabernas barulhentas (DO RIO, 2009 [1909], p. 30-31).

Já em meados do século XX, percebemos uma divisão mais clara das regiões da cidade na literatura. Nos anos 1960, no conto “Feliz Aniversário” do livro *Laços de Família* (1960), Clarice Lispector desbravou o embate silencioso entre uma família reunida para uma comemoração em Copacabana, com membros vindos do subúrbio e de Ipanema:

Os que vieram de Olaria estavam muito bem vestidos porque a visita significava ao mesmo tempo um passeio a Copacabana. [...]

[...] a nora de Olaria empertigada com seus filhos de coração inquieto ao lado; a nora de Ipanema na fila oposta das cadeiras fingindo ocupar-se com o bebê para não encarar a concunhada de Olaria; a babá ociosa e uniformizada, com a boca aberta (LISPECTOR, 1998 [1960], p. 54).

O constrangimento é perceptível, mas todos encenam um bom convívio, até que a matriarca, triste ao ver a família fragmentada acaba com o encontro. Ainda mais brutal é a experiência que nos propicia Rubem Fonseca na primeira parte de “Passeio Noturno” (1975), que conta como um empresário sai de casa, na Zona Sul, dirigindo seu automóvel de luxo e vai para um subúrbio atropelar pedestres como forma de relaxamento (*“Na avenida Brasil, ali não podia ser, muito movimento”*; *“Ainda deu para ver que o corpo todo desengonçado da mulher havia ido parar, colorido de sangue, em cima de um muro, desses baixinhos de casa de subúrbio”*). Percebe-se, aqui, o total rompimento entre a Zona Sul – local ‘civilizado’ na visão do protagonista –, e os subúrbios cariocas, espécie de ‘selva’, na qual transeuntes são despersonificados.

Algumas décadas depois, com a intensificação do tráfico de drogas na cidade e os crescentes registros midiáticos acerca da violência nas suas áreas marginalizadas, as contradições do Rio de Janeiro foram registradas no livro de não-ficção “Cidade Partida”, no qual Zuenir Ventura enfatizava a segregação histórica entre o “morro” e “asfalto”:

Nessa terra em que as fronteiras são sempre tênues [...], os contrários convivem: a alegria e o pranto, a miséria e o prazer, a violência e a solidariedade, a fé e o crime, o tráfico e a vida honesta, a glória efêmera e a resistência muda, o medo, a crueldade e o terror – um cotidiano feito de sofrimento, mas também de uma esperança que às vezes parece inútil. [...] Desde a reforma de Pereira Passos e passando pelos planos Agache e Doxiadis, a opção sempre foi pela separação, senão pela simples segregação. A cidade civilizou-se e modernizou-se expulsando para os morros e periferia seus cidadãos de segunda classe. O resultado dessa política foi uma cidade partida (VENTURA, 1994, p. 12-13).

O livro retratava as experiências do jornalista na favela de Vigário Geral no ano de 1993, logo após a chacina de 21 pessoas no local. Nele, o autor narrava seu contato com os contrastantes “lados” da cidade, discorrendo sobre as árduas tentativas de organização de movimentos pacifistas. Apesar de sua importância na época como uma obra literária com caráter de denúncia de uma realidade alheia aos olhares das classes cariocas mais altas, a noção simplista de uma “cidade partida” acabou se tornando paradigmática, reforçando o já existente estigma de um Rio de

Janeiro dividido e dificultando, assim, a sua compreensão como uma cidade plural, de realidades múltiplas e resultantes da ação de variados atores.

Algumas obras de ficção dos anos 1990 viriam reforçar esta dicotomia entre “morro” e “asfalto”, como é o caso de “Cidade de Deus” (1997) de Paulo Lins, no qual a favela passou a ser apresentada como o cenário principal da violência e da criminalidade na cidade. Nesta época, surgia com força a figura do traficante de drogas como ator influente em áreas desprovidas de estrutura urbana. Este personagem se transformou no “chefe” do morro, na pessoa que controlava o cotidiano do espaço e dos moradores em meio a um contexto de ausência do Estado. A imagem radical de uma lógica interna baseada na violência acabou por tornar-se interessante como representação parcial da realidade carioca também pela indústria cinematográfica, levando ao sucesso do filme homônimo e de outros calcados no estigma da “cidade partida” (SELDIN, MARTINS & ROCHA, 2013).

Na década seguinte, a dualidade do espaço urbano carioca seria novamente transformada em título de livro, desta vez na obra “Cidade Cerzida” (2005 [2000]) do então representante do Ministério da Cultura, Adair Rocha. Com foco no caso do Morro Santa Marta (situado na Zona Sul carioca), Rocha insinuava um processo de unificação da cidade, apontando para o cerzimento da “cidade partida” de Ventura, porém insistindo na ideia opositora entre o “asfalto” e a favela e, assim, enfraquecendo seu próprio argumento de uma “costura urbana” ao não abordar a complexidade dos espaços ‘entre-zonas’ – as ‘franjas’ existentes entre os extremos da cidade.

NOVO MILÊNIO, NOVOS OLHARES

A virada do milênio pode ser considerada como um marco para o surgimento de novos olhares sobre as contradições inerentes às diversas regiões que compõem o Rio de Janeiro, pois intensificou-se a produção de obras literárias escritas por autores nascidos nas favelas, periferias e demais áreas cariocas marginalizadas. Este fator acabou contribuindo para amenizar os efeitos de uma histórica produção cultural partindo ‘de cima para baixo’. A coleção de livros “Tramas Urbanas” – fruto de um projeto da professora e pesquisadora Heloísa Buarque de Hollanda –, apresentou-se como uma iniciativa fundamental neste sentido. Seu objetivo era o de “divulgar o trabalho de jovens pensadores, artistas e lideranças que falem a partir ou identificados com um lugar pouco ouvido, a favela”.⁸ Desta forma, tem sido possível ouvir novas “vozes”, que emergem da periferia com um conhecimento próprio sobre questões políticas, sociais e culturais abordadas a partir da visão local. A linha editorial segue o formato de *pocket book* e a arte gráfica remete ao movimento *hip hop*, em sintonia com o universo tratado nos textos. Dentre as obras já lançadas, destacamos aqui: “História e Memória de Vigário Geral” de Maria Paula Araújo e Écio Salles (2008), “Guia Afetivo da Periferia” de Marcus Vinícius Faustini (2009), “Enraizados: Os Híbridos Glocais” de Dudu do Morro Agudo (2010), entre muitos outros. É interessante ressaltar que muitos dos títulos acabam mencionando os recortes espaciais tradicionalmente marginalizados, refletindo de forma intensa a relação da literatura com o espaço urbano periférico e apontando para a escrita como uma importante forma de expressão artística dos anseios de seus habitantes.

A percepção de novas obras que vêm apostando na adoção de um olhar mais complexo acerca das contradições existentes no espaço urbano carioca começa a apontar para uma amenização do conceito de “cidade partida” reinante dos anos 1990. Recentemente, o geógrafo e professor

⁸ Informação retirada do *website* oficial da professora Heloísa Buarque de Hollanda. Disponível em: <<http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br>>. Acesso em: 28 mar. 2015.

Jailson de Souza e Silva – atuante no Complexo da Maré através do Observatório de Favelas – escreveu no livro “O Novo Carioca” (2012) uma “Carta a Zuenir Ventura”, esclarecendo que considera a cidade partida como um “mito” que não condiz mais com a vivência das camadas mais pobres da cidade:

Nesse caso, a cidade é atravessada por um conjunto de práticas de circulação que faz com que ela não seja ‘partida’ para os pobres, pelo menos não na dimensão da inserção do território, de forma global. Eles buscam viver na cidade de forma plena. Acho que talvez fosse mais adequado falar que o ‘Estado é partido’, pois ele, dominado pelo interesse em servir apenas a grupos sociais específicos, não cumpre seu pretenso ‘papel universal’. Da mesma forma, temos um ‘mercado partido’, pois, dominado por preconceitos e visões restritas das relações de custo x benefício, nunca reconheceu o conjunto de moradores da cidade como cidadãos plenos de direitos (SILVA, 2012, p. 20-21).

O livro, organizado em parceria com Jorge Luiz Barbosa e Marcus Vinícius Faustini⁹, segue afirmando o advento de um “novo carioca”, um personagem oriundo das periferias e dos grupos sociais populares, cujas possibilidades sociais, econômicas e culturais foram ampliadas. O “novo carioca” hoje consegue viver e transitar por espaços anteriormente “interditados (material e simbolicamente)” (*ibidem*, p. 15), mas, apesar disso, ainda mantém fortes laços com suas origens. Estes fortes laços muitas vezes fazem com que os habitantes periféricos – os novos cariocas –, cientes das carências de suas regiões, busquem criar alternativas para suprir suas necessidades. Em se tratando da esfera cultural, percebemos que existe uma forte tendência apontando para o surgimento de espaços alternativos para a produção, a troca e o consumo literário nas regiões marginalizadas do Rio de Janeiro.

NOVOS ESPAÇOS, NOVAS HISTÓRIAS

Investigar os espaços e eventos voltados à literatura nas periferias cariocas consiste em uma tarefa essencial. Se por um lado, observamos uma multiplicação das grandes livrarias e *megastores* de produtos literários e de audiovisual nas zonas mais nobres da cidade; por outro lado, constatamos que grandes espaços comerciais deste tipo são ausentes nas favelas e subúrbios cariocas, à exceção de algumas lojas pontuais em *shopping centers*. O que podemos perceber geralmente é que, em se tratando do comércio de produtos literários, existe uma propensão à venda de livros antigos em camelôs ou pequenos sebos nas ruas e praças, bem como à prática de empréstimo e troca de obras.

Esta constatação nos leva à outra, que remete a uma aparente contradição no caráter dos espaços ligados à produção e consumo de literatura nestas regiões: eles são, simultaneamente, tradicionais e inusitados. A tradição é refletida na presença das bibliotecas, que constituem um dos tipos mais antigos de equipamentos culturais conhecidos;¹⁰ enquanto o inusitado diz respeito às iniciativas temporárias e/ou improvisadas de compartilhamento da leitura através de acervos itinerantes ou situados em locais inesperados. Assim, para além do espaço fechado das bibliotecas, onde a leitura é individual, silenciosa e regida por regras de conduta, a literatura também é apresentada de forma aberta e com caráter público – através de saraus e festivais.

⁹ Responsável, junto com Jailson de Souza e Silva, pelo Observatório de Favelas e pela Agência de Redes para a Juventude, respectivamente.

¹⁰ A Biblioteca de Alexandria, por exemplo, data de, aproximadamente, 280 a. C. Informação disponível em: <<http://revistagalileu.globo.com>>. Acesso em: 02 abr. 2015.

Em locais carentes de equipamentos e políticas culturais oficiais, pequenos espaços são o suficiente para que surja uma biblioteca, a partir de um modesto acervo e muita força de vontade para ser montada. Este é o caso da Biblioteca Tobias Barreto, surgida em 1998, quando o pedreiro Evando dos Santos encontrou uma caixa com cinquenta livros que seriam jogados fora. Ele os levou para sua casa, no bairro de Vila da Penha e, cinco anos depois, a coleção já ultrapassava 30 mil volumes – fruto de doações. Logo, todos os cômodos da casa (sala, dois quartos e um barracão no jardim) foram tomados pelas obras. Quando já contava com 55 mil livros, Evando ligou para um programa de televisão que apresentava, naquele momento, uma entrevista com o arquiteto Oscar Niemeyer e pediu que este fizesse um projeto para abrigar seu acervo, no que foi atendido. O envolvimento de Niemeyer contribuiu para que a iniciativa recebesse um certificado do Ministério da Cultura e financiamento do BNDES para a sua construção. Atualmente, o espaço conta com um auditório, salas de leitura e de aulas de idiomas. O que continua movendo Evando é possibilitar a facilitação do acesso à biblioteca, que, na sua visão, intimida o leitor em sua versão mais tradicional, devido à grande burocracia. Por isso, na Biblioteca Comunitária Tobias Barreto, o empréstimo é sem compromisso: se o livro não for devolvido, significa que o leitor gostou dele e, portanto, pode mantê-lo.

Ressaltamos que as bibliotecas também estão presentes nas favelas e periferias cariocas por meio da ação do poder público, porém em número menor. Recentemente, foram construídas três bibliotecas-parque na cidade do Rio de Janeiro e uma em Niterói¹¹ – projetos inspirados na experiência bem-sucedida de Medellín e Bogotá – cidades da Colômbia, marcadas pelos contrastes sociais e pela violência advinda de atividades ligadas ao tráfico de drogas.

O projeto colombiano tinha como objetivo transformar profundamente o espaço urbano e melhorar as condições de vida de seus cidadãos. As bibliotecas eram parte essencial do planejamento estratégico em ambas as cidades, utilizando a arquitetura e a participação popular como ferramentas de transformação. O redesenho de espaços públicos de Medellín, por exemplo, se apoiou na busca do status de “cidade educadora”¹² e na realização de assembleias de bairro, onde se discutiam as necessidades locais, os sonhos e ideais urbanos dos habitantes. Seguindo essa premissa, as bibliotecas-parque passaram a configurar, então, espaços de acesso público para além do acervo literário, contando com praças para a realização de eventos (como aulas de dança e concertos), salões e áreas livres para uso comunitário. A sua implantação contribuiu para a regeneração de diversos bairros destas cidades colombianas, transformando-as em referências mundiais.¹³ Além disso, cabe reforçar a importância das bibliotecas-parque como espaços elementares para a convivência e o desenvolvimento intelectual e social da infância e juventude.

No Rio de Janeiro, as bibliotecas-parque foram construídas com o claro intuito de oferecer acesso fácil e imediato à cultura em “áreas de ‘risco”, viabilizando a implementação de grandes equipamentos, com amplos acervos de livros e material audiovisual, além de salas de cinema e teatros. Trata-se, portanto, não apenas de uma biblioteca no sentido convencional, mas de um

¹¹ Ressaltamos que, no momento de fechamento deste artigo, foi anunciado o fechamento das bibliotecas-parque cariocas e de Niterói em função da crise econômica enfrentada pela Prefeitura e governo do estado do Rio de Janeiro. Informação disponível em: <<http://glo.bo/2g9Htys>>. Acesso em: 25 nov. 2016.

¹² O movimento das “cidades educadoras” teve início na década de 1990, quando ocorreu o I Congresso Internacional de Barcelona. Através dele, foi elaborada uma carta regendo os princípios destas cidades, que passaram a atuar em rede. Dentre eles, encontra-se a realização de programas educativos direcionados aos habitantes e com foco na participação e no respeito aos direitos humanos. Para mais informações, ver o website Associação Internacional de Cidades Educadoras, disponível em: <<http://ciudadeseducadorasla.org/portugues/>>. Acesso em: 30 mar. 2015.

¹³ A cidade foi escolhida para sediar o 7º Fórum Urbano Mundial da ONU-Habitat de 2014. Foi também eleita como “Cidade do ano 2014” pelo *The Wall Street Journal* e como a mais inovadora, pelo Citigroup, dentre 220 concorrentes (GHIONE, 2014).

verdadeiro centro cultural, a fim de prover um espaço de democratização da cultura, de acordo com a Secretaria de Cultura do Governo do Rio de Janeiro, que pregava um “um ambiente de convivência e convergência na comunidade, contribuindo com a diminuição da violência e para a inclusão social”.¹⁴ As bibliotecas-parque cariocas vêm sendo implantadas em um momento em que se enfrenta a transformação do conceito de leitura, que hoje também envolve *e-books* e novas tecnologias, implicando em um investimento público em atividades de caráter multimídia.



A Biblioteca-Parque de Manguinhos – espaços internos (esq.) e fachada principal (dir.). Fonte: Arquivo pessoal (2011).



Conjunto habitacional de Manguinhos construído durante o PAC juntamente com a Biblioteca-Parque. | Fonte: Arquivo pessoal (2011).

¹⁴ Informação disponível em: <<http://www.cultura.rj.gov.br>>. Acesso em: 28 mar. 2015.

Para lidar com esta demanda, alternativas à biblioteca mais convencional vêm sendo criadas. Em outras palavras, se o leitor não vai até o livro, diversas iniciativas levam o livro até o leitor. Exemplos comuns são o uso do ônibus e da bicicleta como meios para transportar um acervo itinerante.¹⁵ Esse é o caso da Livreteria Popular Juraci Nascimento: um triciclo, com um armário para livros acoplado, que percorre o complexo de São Carlos, nos bairros do Estácio e do Catumbi. Idealizado por Guilherme Vinicius Roberto, de 29 anos, o projeto foi implementado com a metodologia da Agência Redes para Juventude - uma iniciativa idealizada por Marcus Vinicius Faustini e baseada em uma metodologia própria que visa estimular jovens moradores de favelas e periferias a transformarem ideias em projetos de intervenção em seus territórios. O sistema adotado pela Livreteria segue o tradicional cadastro para empréstimo, porém ela promove também eventos com foco na oralidade (contação de histórias) e no audiovisual, havendo predileção por produções centradas na história das favelas.

Outras alternativas que vêm ganhando força nas periferias, com o intuito de desenvolver o interesse pela leitura, são os saraus e os festivais literários, como é o caso do Sarau Quintas Poéticas e as festas FLUPP e FLIZO.

O “Caliel Bar, Padaria e Mercadoria”, localizado no Morro do Salgueiro, promove mensalmente em seu espaço o sarau “Quintas Poéticas: voz, violão, vinhos e versos” para os seus moradores e não-moradores. Além de incentivar a produção de cultura, sua proposta envolve também o resgate da memória local. O evento já homenageou o compositor e poeta Noel Rosa de Oliveira, o Noel do Salgueiro, e o compositor Djalma Sabiá, único fundador vivo da Acadêmicos do Salgueiro, a escola de samba símbolo da comunidade. Outras edições também foram marcadas por homenagens a poetas célebres como Cora Coralina e Carlos Drummond de Andrade. Cabe ressaltar que o sarau passou a ocorrer após a instalação de uma Unidade de Polícia Pacificadora (UPP)¹⁶ no morro. Contudo, nem sempre é possível realizá-lo em função da precariedade dos serviços públicos prestados à comunidade. Algumas edições já tiveram de ser canceladas devido à falta do fornecimento de água, por exemplo. É importante frisar, portanto, que apesar de a presença do poder público através da UPP ter contribuído para viabilizar a iniciativa, as carências de serviços e de infraestrutura ainda são evidentes e dificultadoras da regularidade do evento.

Em se tratando dos festivais, destacamos, primeiramente, a Festa Literária Internacional das UPPs (FLUPP). Criada em 2012 e inspirada na Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP), a FLUPP pretendia, de início, levar às favelas “pacificadas” os autores consagrados e as grandes editoras, além de publicações independentes e artistas que exploram novas relações do leitor com o livro. O caráter inovador da festa aparece não só na localização, mas na realização de mesas de debate com temas como “o que é a cultura da classe C”. O evento inclui também narrativas colaborativas, visando dar espaço a livros escritos por policiais para facilitar o difícil diálogo entre a literatura de resistência e a de ocupação.

A primeira FLUPP ocorreu no Morro dos Prazeres, em Santa Teresa, com curadoria do jornalista e escritor Toni Marques e com diretoria executiva do escritor e ex-secretário de cultura de Nova Iguaçu, Écio Salles, de Heloísa Buarque de Hollanda e do antropólogo Luiz Eduardo Soares, entre outros. A segunda edição aconteceu em 2013, em Vigário Geral, já sob um novo nome: Festa

¹⁵ Em certas partes do Brasil e de outros países latino-americanos, até mesmo animais são utilizados para o transporte de livros. Este é o caso da Jericoteca, no sertão pernambucano, e do “jegue-livro”, na cidade de Alto Alegre do Pindaré, no interior do Maranhão.

¹⁶ A UPP consiste em uma ação integrada na política de segurança do Estado do Rio de Janeiro, sendo descrita como “uma pequena força da Polícia Militar com atuação exclusiva em uma ou mais comunidades”. Informação disponível em: <<http://www.upprj.com>>. Acesso em: 28 mar. 2015.

Literária das Periferias. Esta mudança indica a vontade de estender o festival para além dos locais onde foram implantadas as UPPs, o que pode ser comprovado na edição de 2014, quando quatro cidades-sede da Copa do Mundo 2014 abrigaram o evento. No mesmo ano, a FLUPP propiciou o lançamento de pelos menos quatro livros, além de ter aumentado seu escopo para incluir leituras dramáticas no Morro do Alemão e servir de plataforma para o “Rio Slam Poetry”, o primeiro *slam* de poesia internacional realizado na América Latina. Trata-se de um tipo de competição na qual os poetas leem ou recitam um trabalho original que será, em seguida, julgado por membros da plateia previamente escolhidos.

A FLUPP foi, inclusive, fonte de inspiração para outro festival proeminente da periferia carioca: a Festa Literária da Zona Oeste (FLIZO). Idealizada por Binho Cultura, e com a crença de “que a população da Zona Oeste precisa, além de consumir, produzir cultura”¹⁷, a FLIZO propõe transformar o panorama cultural da cidade. O evento teve sua primeira edição em outubro de 2013, com o objetivo de dar visibilidade e incluir a região mais populosa do município no seu mapa cultural oficial. Entre agosto e novembro de 2014, sua segunda edição – que homenageou a poetisa e escritora Carolina Maria de Jesus¹⁸, por ocasião dos cem anos de seu nascimento – foi realizada em grandes equipamentos culturais formais, tendo ido além da experiência literária ao contar também com grupos de música, teatro, dança e artes visuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura sempre constituiu um importante veículo para o registro e a interpretação das contradições, desigualdades e transformações presentes no Rio de Janeiro, seja através da ficção ou da não-ficção. Atualmente, percebemos que o papel da literatura perpassa a escrita e avança para os espaços alternativos desenvolvidos para abrigar atividades relacionadas a esta modalidade cultural nas áreas marginalizadas da cidade. O que podemos perceber através de nossa investigação é que estes espaços contribuem positivamente para fortalecer certas regiões como novas centralidades culturais e como potenciais representantes da efervescência criativa carioca.

Sua força é especialmente sentida em se tratando das iniciativas improvisadas, ou seja, dos espaços e meios de transporte pensados inicialmente para certo uso, como bares, residências ou mesmo bicicletas, porém transformados em pontos de referência literária para comunidades inteiras. A consciência dos idealizadores destas ações de permitir o contato do público com os livros em lugares inusitados nos faz considerar estas regiões não como recortes notoriamente carentes de infraestrutura, mas como criadouros de novos tipos de equipamento cultural – alternativos e afirmativos na sua resistência. Isso porque essas ações demonstram a real criatividade carioca, refletida através da superação da imagem de carência e da sua transformação em focos de resistência e afirmação.

¹⁷ Em release do evento no website da Cidade das Artes. Disponível em: <<http://www.cidadedasartes.org>>. Acesso em: 28 mar. 2015.

¹⁸ Mineira e filha de pais analfabetos, vivia na favela do Canindé, em São Paulo, como catadora de papel. Em 1958, foi descoberta por um jornalista a quem mostrou seu diário, onde escrevia sobre o dia a dia da comunidade. A narrativa, que se assemelhava à poesia, teve vários trechos publicados no Jornal “Folha da Noite”. Após a repercussão em outros jornais do país, o diário foi lançado como livro, sob o título de “Quarto de Despejo”, totalizando cerca de 80 mil exemplares vendidos. Sua obra foi traduzida em quatorze línguas e distribuída em mais de vinte países. Informação disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2014/11/1550499-escritora-carolina-maria-de-jesus-viveu-do-caos-ao-caos.shtml>>. Acesso em: 02 abr. 2015.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Manoel Antônio de. *Memórias de um Sargento de Milícias*. Fundação Biblioteca Nacional, 1852.
- AZEVEDO, Aluísio. *O Cortiço*. Fundação Biblioteca Nacional, 1890.
- BECKER, Howard. S. *Falando da Sociedade: Ensaio sobre as Maneiras de Representar o Social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.
- CANDIDO, Antonio. A Literatura e a Formação do Homem. In: _____. *Textos de Intervenção*. São Paulo: Duas Cidades/Ed. 34, 2002 [1972], p. 77-91.
- CHOAY, Françoise. *A Regra e o Modelo*. São Paulo: Perspectiva, 1980.
- _____. *O Urbanismo: Utopias e Realidades, uma Antologia*. 6. ed. 2. reimp. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- DO RIO, João. As Crianças Que Matam. In: _____. *Cinematógrafo: Crônicas Cariocas*. Rio de Janeiro: ABL, 2009 [1909], 28-33.
- FONSECA, Rubem. Passeio Noturno. In: _____. *Feliz Ano Novo*. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010 [1975].
- GHIONE, R. Transformação Social e Urbanística de Medellín. *Minha Cidade*, São Paulo, ano 14, n. 166.07, maio 2014. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/14.166/5177>>. Acesso em: 11 maio 2015.
- GOMES, Renato Cordeiro. Cartografias Urbanas: Representações da Cidade na Literatura. *Semear: Revista da Cátedra Padre Antônio Vieira de Estudos Portugueses*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 179-188, 1997. Disponível em: <http://www.letas.puc-rio.br/unidades&nucleos/catedra/revista/1Sem_12.html>. Acesso em: 03 mar. 2015.
- HUYSEN, A. The Voids of Berlin. *Critical Inquiry*, 24 (1), p. 57-81, 1997.
- LEFEBVRE, Henri. *The Production of Space*. Oxford: Blackwell Publishing, 1991.
- LEITE, Julieta. A Cidade como Escrita: O Aporte da Comunicação na Leitura do Espaço Urbano. *Arquitextos*, São Paulo, ano 6, n. 067.6, dez. 2005. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/06.067/400>>. Acesso em: 19 mar. 2015.
- LISPECTOR, C. Feliz Aniversário. In: _____. *Laços de Família*. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1998 [1960].
- MATTA, Carmen da. Rio de Janeiro, Solo Configurador da Literatura Nacional. *Revista Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro: UERJ/LPP, v. 1, n. 10, p. 159-178, maio/ago. 2003.
- PECHMAN, Robert M. Desconstruindo a Cidade: Cenários para a Nova Literatura Urbana. *Revista Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro: UERJ/LPP, n. 20-21, p. 31-40, 2007.

ROCHA, Adair. *Cidade Cerzida: A Costura da Cidadania no Morro Santa Marta*. 2. ed. Rio de Janeiro: Museu da República, 2005 [2000].

ROLNIK, Raquel. *O Que é Cidade*. 3. ed. 6. reimp. São Paulo: Brasiliense, 2009.

SELDIN, C.; MARTINS, R. R.; ROCHA, R. R. D. A Construção de uma Nova Representação da Periferia Carioca e o Papel dos Festivais de Cinema na sua Consolidação. In: *Anais do XIV ENANPUR*. Recife: ANPUR, 2013.

SILVA, Jailson de S. Carta para Zuenir Ventura. In: SILVA, J. S.; BARBOSA, J. L.; FAUSTINI, M. V. *O Novo Carioca*. 1. reimp. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2012, p. 19-21.

VAZ, Lilian F. Notas sobre o Cabeça de Porco. *Revista do Rio de Janeiro*, Niterói, vol. 1, n. 2, jan-abr. 1986, p. 33.

VENTURA, Zuenir. *Cidade Partida*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.